

LITERATURA COMPARADA ENTRE INTERSECÇÕES E TRANSVERSÕES PARA UMA LEITURA DA POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

LITTÉRATURE COMPARÉE ENTRE INTERSECTIONS ET TRANSVERSIONS POUR UNE LECTURE DE LA POÉSIE BRÉSILIENNE CONTEMPORAIN

Maria Luiza Berwanger da Silva¹

RESUMO: Este estudo analisa a eficácia de certos eixos teórico-críticos da Literatura Comparada nos dias atuais enquanto mediadora da leitura simbólica da poesia brasileira contemporânea. Assim, este estudo pretende facilitar a inclusão da produção literária do Brasil no mundo.

Palavras-chave: Literatura comparada; paisagem; espaço; subjetividade; interseções; transversões.

RÉSUMÉ: cette étude examine l'efficace de certains axes théoriques-critiques pour la Littérature Comparée dans les jours contemporains, tout en les médiant par la lecture symbolique de la Poesie Brésilienne actuelle. Ainsi faisant, cette étude compte faciliter l'inclusion de la production du Brésil à la Littérature – Monde.

Mots-Clé: Litterature Comparée; Paysage; Espace; Subjectivité; Sujet; Intersections; Transversions.

O problema foi ter visto
tantas reproduções com tão pouca idade.
Paragens fabulosas que murcharam,
palácios e suas escadarias comidas
pelos anos. Parques, estatuárias congeladas.
Páginas e páginas. Acervos estanques.
Rostos de turistas apressados
que pouco acrescentaram à banalidade
essencial a todo espaço. Não é esta
minha geografia encantada. Além
dos olhos e do coração selvagens,
cresce e caminha a resultante
supostamente habitável. [...]
Horácio Costa (2004, p. 25)
Primeiro foi o olhar
Cristalino,
Que não coincide com a alma
Nem é seu espelho.
O olhar cria o que vê.

¹Pós-Doutora em Literatura Comparada. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Professora colaboradora na Université de Paris III, Sorbonne-Nouvelle.

A alma olha para dentro
E distingue o incriado.
Com ciclópico olho
Só a alma vê
O que não está para ver-se
E sempre é gigantesco
E talvez seja cego o olhar.

Horácio Costa (2011, p. 111)

Condensando nesta distância desenhada entre a busca de uma geografia distinta e a incidência de um olhar descentrado certa estampa da Paisagem Poética do Brasil; como se toda modulação literária captada de convergências (ou intersecções) encontrasse sua completude em melodias outras que divergem irradiando. Marcar pontos do olhar que se aproximam para se distanciar, eis a experiência paisagística com que nos brinda o poeta Horácio Costa dos quais a composição esboça um movimento perceptivo de natureza outra, aquém e além da percepção fenomenológica legitimada pelo conjunto de traços que, uma vez identificados, elucidam parte da leitura simbólica.

Como traduzir a captação deste conjunto acidental, produto da apreensão fenomenológica que cede lugar ao incidental e não fenomenológico: poética do lugar que, ao desdobrar o visto e o experienciado em não visto e em não experienciado, expõe certo território a decifrar? Como estampar sobre a página este movimento da textualidade que busca configurar o espaço cartografado por práticas transgressivas de diferentes naturezas e pertencas? Como, em uma palavra, vislumbrar, nestes fragmentos do paulista Horácio Costa, certo ritmo composto por intersecções, transgressões e transversões?

Transgeografia, transsubjetividade e transdisciplinariedade tecem a textualidade profunda desta errância espacial a que se destina este movimento triplo que o ato crítico comparatista faz ressoar sobre todo leitor nacional, transnacional e virtual. Nele, (no reconhecimento deste fluxo novo do comparatismo contemporâneo produzido por modalidades perceptivas díspares entrecruzadas), duas vozes teóricas dialogam e elucidam o percurso seguido pela poeticidade do ver, dele filtrando a própria poeticidade do lugar. Refiro-me à obra *La Pensée-paysage* (2011), de Michel Collot, e às *Transformations Silencieuses* (2010), do filósofo François Jullien, um e outro pertencentes a campos distintos do saber artístico e não artístico mas aproximados pelo jogo demarcado entre traços evidentes e inevidentes convivendo de modo harmônico, ainda que produto de olhares díspares: « geografia encantada » e « ciclópico olho », retornando-se ao lirismo multifacetado de Horácio Costa, elucidam-se reciprocamente no desejo de configurar o inconfigurável da paisagem tecida e retecida por este poeta-síntese, representativo do fazer simbólico nacional.

Em *La Pensée-paysage*, a citação de François Jullien por Michel Collot dele captando o « inobjectivable par excellence » (COLLOT, 2011, p. 110), imagem do não figurável e do insondável, enquanto presenças insistentes e irreduzíveis à representação, esta citação sublinha certo espaço de vácuo a traduzir composto pelo contraponto do conjunto de evidências

(acidentais) com o conjunto de invidências (incidentais ou transformações silenciosas), na base da reflexão de François Jullien, estudioso do pensamento chinês mediando a configuração da *Pensée-paysage* assim definida por Michel Collot:

Si le paysage est un art, il ne se limite pas à la sphère des représentations : il commence *in situ*, et à ras de terre, avec la culture du sol et des végétaux. Le paysagiste est à la fois artiste, ingénieur et paysan : un artisan inspiré, un créateur terre à terre. Homme d'atelier et de terrain, il assume tour à tour la conception du projet, sa réalisation et son suivi. Il réinvente à sa manière l'un des sens du mot *art*, qui ne dissocie pas la technique d'une visée esthétique. Il mobilise ainsi une pensée qui n'oublie jamais le concret, pour produire une œuvre à la fois sensible et intelligible, lisible et visible pour l'œil du corps et celui de l'esprit – une pensée-paysage. (COLLOT, 2011, p. 192)

Dito de outro modo: o crítico e o filósofo, um e outro encontram no simbolismo do « perscrutar » o fio mediador da inteligibilidade que o fenômeno comparatista propõe a todo leitor, hoje: paisagens sem figuras ocultando presenças inconfessadas ou paisagens com figuras das quais o confesso não traduz o sucessivo desdobramento da paisagem:

Entre le moment où elle (la transformation) n'a pas encore accédé au visible et celui où elle s'est désormais trop étalée et confondue au sein du visible pour que l'on y discerne encore la transformation n'offre qu'un étroit interstice de perceptibilité ; c'est pourquoi c'est avec tant de vigilance qu'il faut « scruter ». (JULLIEN, 2009, p. 101)

«Scruter (Perscrutar)», eis a experiência ditada pela contínua germinação de transformações silenciosas que escapam a todo sentido que nelas imprimem o olhar. Na obra de François Jullien, visualizada como um todo, este filósofo considera o perscrutar como exercício que, ao captar e ao valorizar o fugidio e o insuspeitável, acentua o efeito da transmutação contido no conjunto de traços emergentes por vezes à superfície textual dos quais a presença intermitente não estanca ou retrai o fluxo da constante reciclagem que provocam nos modos e nas formas perceptivas. Ao oscilar do fenomenológico e do acidental ao não fenomenológico e ao incidental, este gesto novo, produzido pela intersecção demarcada pelo entrelaçamento de duas variantes perceptivas, se propõe à abordagem do fato comparatista como ressimbolização do lugar próximo em lugar mundializado.

« O Brasil não é longe daqui », diz o título de um estudo de Flora Süssekind, antecipando esta nova cartografia a estabelecer de um Brasil fabuloso no qual a Paisagem faz-se matriz irradiadora de transferências artísticas e culturais. Grão nuclear do pensamento de Jean Bessière, este eixo das transferências agrega completude ao diálogo efetivado por Michel Collot e por François Jullien conquanto este eixo permite pressupor que todo gesto comparatista, produzindo intersecções, condensa, em seu interior, o fio do desdobramento que incide em eficazes transversões. Em outras palavras: vista sob a égide da transversalidade, a leitura comparatista fixa em transgressões geográficas, disciplinares e subjetivas o ponto de origem de transformações a efetivar. Deste modo, o ver tanto tece, destece e retece o lugar próximo difratando-o para além de fronteiras estabelecidas, (difratar correspondendo a transgredir), quando, uma vez difratado ou transgredido, o lugar, ao se desdobrar em lugar de outros lu-

gares, demarca transversões que asseguram a mobilidade infinita. Assim: se o aproximar de campos, com base em intersecções, produz transgressões, o transgredir de limiares, por sua vez, produzirá transversões, singulares transversões que, ao dar a ver figurações inusitadas, reacendem o encantamento do literário na paisagem transfigurada. Híbrida e múltipla, ela se faz consolidação do « ciclópico olho »; como se, ao fazê-lo, o olhar praticasse a vivência de captações de natureza diversa, mas complementar.

Retorna-se, pois, uma vez mais, ao fazer prático de Horácio Costa, onde a celebração confessa ao escultor Alberto Giacometti guarda, em sua intimidade artística, este fluxo comparatista representado pelo suave convívio de um pensamento-paisagem com certa transformação silenciosa: sob o precário e o esguio das formas esculpidas, a reordenação provocada pelo efeito da transversalidade das significações múltiplas garante a contínua « operatividade » do ver. Como dizem os versos:

o herói longilíneo
avança pela paisagem
branca
sob a luz de um sol
estático
arrasta os pés no chão
como se temesse
desequilibrar-se
tombar como
palmeira fustigada
pelo alíseo

traz coladas
ao torso das mãos
uma das quais
a direita
segura uma resma
uma constituição

inquieta-lhe
qualquer desnível
do terreno:
seu ideal
exclui imperfeições
topográficas
as rugosidades
do caminho

o herói giacomettiano
desperta ternura
a quem o divisa
na paisagem

queríamos tocá-lo
fazer-lhe algo
um carinho

ele:
subido demais
frágil demais
demais filosófico
vemos que passa
lentamente

vemos que desaparece
lentamente

no horizonte fica
como exclamação
que
se vai

(COSTA, 2011, p. 30-31)

Perceber este efeito da transversalidade, na base da relação da Escultura com a Literatura, significa perceber do mesmo modo a transformação da paisagem-representação (daquela que reproduz o espaço de fora) em paisagem-presença (daquela que retrabalha este fora pela subjetividade).² Transversão e transformação fundam um novo espaço, como se a mão

² Elucidação do título pelo próprio poeta: « Bolívar Giacometti é Bolívar e Giacometti – O venezuelano herói boliviano e em nome de quem o caudilho da Venezuela exerce a sua insofismável veia populista e Giacometti, o escultor que emagrece os seres humanos e os torna mesmo etéreos, metafísicos » (e-mail enviado à autora deste estudo em 12.06.2012).

que esculpe elucidasse para a mão que escreve a composição emergente de um território diverso desdobrado da visualidade experimentada, o desprovido das figuras esguias de A. Giacometti considerado como lugar de autotradução que irrompe no espaço do museu e no da página como e em contraste com a leveza formal, constituindo uma « real presença » justamente pela virtualidade do paradoxo que irradia. Deste modo, a obra de A. Giacometti faz-se arquivo de certo jogo perceptivo compartilhado entre visível e invisível, traduzível e intraduzível, figurado e não figurado ou ainda evidente e inevidente. Como o diz o título de uma das obras de François Jullien: *La grande image n'a pas de forme*, reflexão que antecipa, na trajetória deste filósofo contemporâneo, o próprio caminho de certas percepções ininteligíveis, mas de inegável traçado a decifrar, que poderão encontrar na abordagem da Literatura Comparada certo lugar matricial de eficácia irrestrita.

Nos bastidores da poética de Horácio Costa, Haroldo de Campos respalda esta transversalidade do olhar, sobretudo em *A Educação dos Cinco Sentidos*, quando diz em *Tenzone*:

um ouro de Provença
 (ora direis) uma doença
 de sol um sol queimado
 desse vento mistral (que doura e adensa)
 provedor de palavras sol-provença
 ponta de diamante rima em ença
 como quem olha a contra-sol
 e a contravento pensa

Cogolin, Provence (CAMPOS, 1989, p. 58)

Neste poema, a realocização de um lugar distante (a Provença) evidencia a produtividade dos «cinco sentidos» para o fazer poético, esta modalidade perceptiva plural constituindo uma das faces mais emergentes da Poesia do Brasil Contemporâneo. « Educar » corresponde a substituir o canto de exaltação da geografia tropical pela subjetividade da qual a palavra expõe a melodia da figuração íntima na qual a representação transforma-se em transparência de captações « polissensoriais e dinâmicas » efetuadas pelo sujeito, como diz Michel Collot. Trata-se de ver nesta articulação figurada pelo simbolismo da « pensée » (pensamento) a tecitura de transferências artísticas e culturais: desenhando sobre o branco da página as linhas de uma paisagem inacabada e neutra, *A Educação dos Cinco Sentidos* insinua o profundo diálogo que o exercício de transferir concede ao nascimento do poema: visualidade (ciclópica) e movimento incontrolláveis, eis o que os traços (evidentes e inevidentes) da presença retêm e com que compõem a paisagem em estado de decifração. Deste modo, sujeito-poeta, sujeito-engenheiro, sujeito-geógrafo e sujeito-arquiteto convergem nesta concepção contemporânea do espaço paisagístico como zona de descoberta e de consolidadas transversões mediadoras à invenção de relações inesperadas e insuspeitáveis, aquém e além de todo limiar estabelecido: sob a mediação da « Pensée Paysage », o Sujeito encontra-se sempre em estado de busca de imagens tradutoras de constantes realocizações e reacomodações dos limites transgredidos em incidência que estampa inventivas paisagens transvertidas. Intersecção,

transgressão e transversão reaclimatam-se na voz de Manoel de Barros, nela fixando o ponto de origem da paisagem primordial do lirismo brasileiro.

No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
criança diz: *Eu escuto a cor dos passarinhos*.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona
para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele
delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer
nascimentos –
O verbo tem que pegar delírio.

(BARROS, 2010, p. 301)

dizem os fragmentos IX de *Uma didática da invenção* d' *O Livro das Ignorâncias*, realçando o ajuste eficaz da produção poética nacional à produção teórico-crítica francesa citada (ajustar não correspondendo à inteligibilidade absoluta da criação artística e cultural), referindo-se a Manoel de Barros, poeta no qual a invenção como plenitude do fazer brasileiro, ao distender o olhar ciclópico, transfigura o lugar sul-mato-grossense, tornando-o lugar de incessante e dupla irradiação, do lugar que tanto emana mitos, temas e sentimentos quanto daquele que fixa, no prazer da palavra autorreferencial teorizada, um dos possíveis caminhos mediadores de « uma dialética da invenção ». Demarcar estas duas faces significa observar que, ao captar o infinito da natureza e o vasto da subjetividade, humana, em movimento de contínua instalação/desinstalação/reinstalação transgressiva consolidando transversões comparatistas, provoca o « potentiel de métamorphose qui est dans la nature » (COLLOT, 2011, p. 125): a poética de Manoel de Barros decanta a produção brasileira visualizando-a pela ótica da poesia do pensamento a qual, aquém e além das perspectivas teórico-críticas e filosóficas francesas apontadas neste estudo, (e de franca intersecção com o diálogo do literário com o espacial estampado pela paisagem), desdobra o pensar do desejo profundo de autotradução do homem brasileiro contemporâneo. Dizer que o « Brasil » não é longe daqui, que o « ciclópico olhar » viabiliza a « geografia encantada » a qual, na base da « educação dos cinco sentidos », corresponde igualmente a dizer que, transvertida, a palavra de Manoel de Barros faz-se mediação insuperável para a inserção do sujeito nacional no saber mundializado, simbólico e não simbólico. Assim, pois, esta certeza de autotradução legitima a própria eficácia do fato comparatista examinada pela incessante operatividade de intersecções e transversões aflorando sob a transparência do « perscrutar », simbólico e em constante fluir. Paisagem sem figuras e paisagem com figuras, inconfessas e confessas, que se consolidam como arquivo de grãos seminais antecipadores de pensamentos que virão.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo : Leya, 2010.

CAMPOS, Haroldo de. *L'éducation des cinq sens*. Paris : Plein Chant, 1989.

COLLOT, Michel. *La Pensée-paysage – Philosophie, Arts, Littérature*. Paris : Actes Sud/Ensp, 2011.

COSTA, Horácio. *Fracta – Antologia poética*. Seleção de Haroldo de Campos. São Paulo: Perspectiva, 2004. [Signos; 37].

_____. *Ciclópico olho*. São Paulo: Annablume, 2011. [Selo Demônio Negro].

JULLIEN, François. *Les Transformations silencieuses*. Paris : Grasset, 2009.